

Cómo citar este artículo / How to cite this article: Pereira, C., Arruda, A. M. y Sousa, E. (2019). Os artefactos metálicos da Idade do Ferro de Monte Molião (Lagos, Portugal). *Lucentum*, XXXVIII, 77-88. <http://dx.doi.org/10.14198/LVCENTVM2019.38.03>

OS ARTEFACTOS METÁLICOS DA IDADE DO FERRO DO MONTE MOLIÃO (LAGOS, PORTUGAL)

IRON AGE METAL ARTEFACTS FROM MONTE MOLIÃO (LAGOS, PORTUGAL)

CARLOS PEREIRA

UNIARQ-Centro de Arqueologia
Universidade de Lisboa

csp@campus.ul.pt

<https://orcid.org/0000-0002-4116-3602>

ANA MARGARIDA ARRUDA

UNIARQ-Centro de Arqueologia
Universidade de Lisboa

a.m.arruda@letras.ulisboa.pt

<https://orcid.org/0000-0002-7446-1104>

ELISA DE SOUSA

UNIARQ-Centro de Arqueologia
Universidade de Lisboa

e.sousa@campus.ul.pt

<https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>

Recepción: 30-01-2019

Aceptación: 17-06-2019

Resumo

Passados mais de dez anos após a primeira campanha de escavações realizada em Monte Molião, e apesar de o sítio ter sido já alvo de inúmeras publicações, o conjunto de artefactos metálicos da Idade do Ferro aguardava ainda a sua divulgação. Neste trabalho, apresenta-se e estuda-se a totalidade dos elementos metálicos recolhidos nos contextos sidéricos, que se analisam de acordo com as várias categorias em que se podem incluir, concretamente: arquitectura e mobiliário, uso pessoal, e utilitários.

Cada um dos artefactos foi analisado individualmente, tendo em atenção o seu contexto de recolha, bem como os dados cronológicos que os seus paralelos permitiram obter. A discussão sobre a funcionalidade de muitos deles permitiu uma aproximação à realidade social e económica da comunidade que habitou o sítio e das suas relações inter-regionais, lidas em função do mobiliário utilizado, do vestuário usado e das actividades económicas praticadas.

Palavras chave. Metalurgia; artefactos metálicos; Monte Molião; Algarve; Idade do Ferro.

Abstract

Ten years after the first excavation in Monte Molião the set of metal artefacts from the Iron Age was still awaiting its publication, although the site has been subject of numerous publications. We present all the metallic elements collected in Iron Age contexts, included in several of the established fields: architecture, furniture, personal domains and instruments.

Each of the artefacts was analysed taking into account the context where they were discovered, as well as the chronological data of similar findings. The discussion about their functionality allowed an approximation to the social and economic reality of the community that inhabited the site and their interregional connections regarding furniture, clothing and economic activities.

Key Words. Metallurgy; metal artefacts; Monte Molião; Algarve; Iron Age.



Resumen

Más de diez años después de la primera campaña de excavación en Monte Molião, y a pesar de que el yacimiento ya había sido objeto de numerosas publicaciones, el conjunto de objetos metálicos de la Edad de Hierro aún estaba esperando su divulgación. En este trabajo se presentan y estudian todos los elementos metálicos recogidos en los contextos de dicho periodo, los cuales se analizan en función de las distintas categorías en las que se pueden incluir, en concreto: arquitectura y mobiliario, uso personal y utilitario.

Cada uno de los artefactos fue analizado individualmente, teniendo en cuenta su contexto de aparición, así como los datos cronológicos que su paralelismo permitía obtener. La discusión sobre la funcionalidad de muchos de ellos permitió una aproximación a la realidad social y económica de la comunidad que habitaba el sitio y sus relaciones interregionales, leídas en función del mobiliario utilizado, la ropa usada y las actividades económicas realizadas.

Palabras clave. Metalurgia; artefactos metálicos; Monte Molião; Algarve; Edad de Hierro.

1. INTRODUÇÃO

Actividades metalúrgicas de diferentes categorias, preenchendo toda a cadeia operatória, estão muito bem documentadas no território actualmente português, desde o Calcolítico, e muito especialmente durante as Idades do Bronze e do Ferro. Os cadinhos, os moldes, as escórias e outros restos estão presentes em quantidades apreciáveis em sítios arqueológicos do Sul de Portugal (Alentejo e Algarve), revelando a prática da metalurgia, a partir do 3º milénio a.n.e. No caso concreto da área portuguesa do sudoeste peninsular, esta realidade não surpreende, atendendo ao facto de se tratar de um território inserido numa região de exploração metalúrgica por excelência (de cobre e prata), concretamente a chamada «faixa piritosa» alentejana, constituída por depósitos piritosos e de sulfitos, que, aflorando à superfície, produzem espessos «chapéus de ferro», ricos em metais, como o cobre e o ferro e ainda a prata e o ouro. Por outro lado, entre a Serra do Cercal e Aljezur, encontra-se a Faixa Ferro-manganísefera, que corre paralela ao mar.

Contudo, trata-se sempre de uma actividade de pequena escala, de características eminentemente domésticas.

Desconhecemos se os artefactos metálicos de Monte Molião que aqui se estudam foram, no todo

ou em parte, fabricados no sítio. Sabemos, porém, e como se verá abaixo, que a actividade metalúrgica foi praticada, o que indica que, pelo menos alguns deles, poderão ter sido produzidos localmente. Neste último caso, integrar-se-ão provavelmente os complementos de arquitectura (pregos) e os utilitários (anzóis). Mais complexo é atribuir a origem local às fíbulae, cuja produção requeria uma maior especialização e domínio técnico.

2. MONTE MOLIÃO: ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO

Desde o século XIX, que a colina de formato elipsoidal do Monte Molião, localizada na margem esquerda da Ribeira de Bensafrim (Fig. 1), em Lagos, Portugal, atraiu a atenção dos investigadores. Quer Estácio da Veiga (Veiga, 1910: 220-225), primeiro, quer Santos Rocha (1906), depois, compilaram importantes informações e materiais sobre o sítio, que demonstravam que a baía de Lagos havia sido densamente ocupada durante a Antiguidade. Após as «explorações» destes pioneiros, o local voltou a ser alvo de interesse em meados do século XX, divulgando-se então materiais (Viana *et al.*, 1952), cujo contexto de recolha permanece, contudo, ainda hoje por esclarecer devidamente,

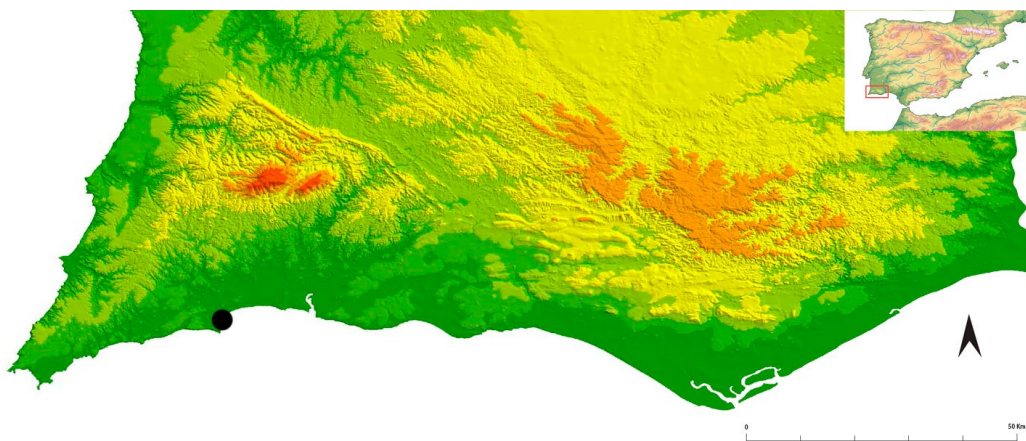


Figura 1: Localização de Monte Molião, Lagos, Portugal

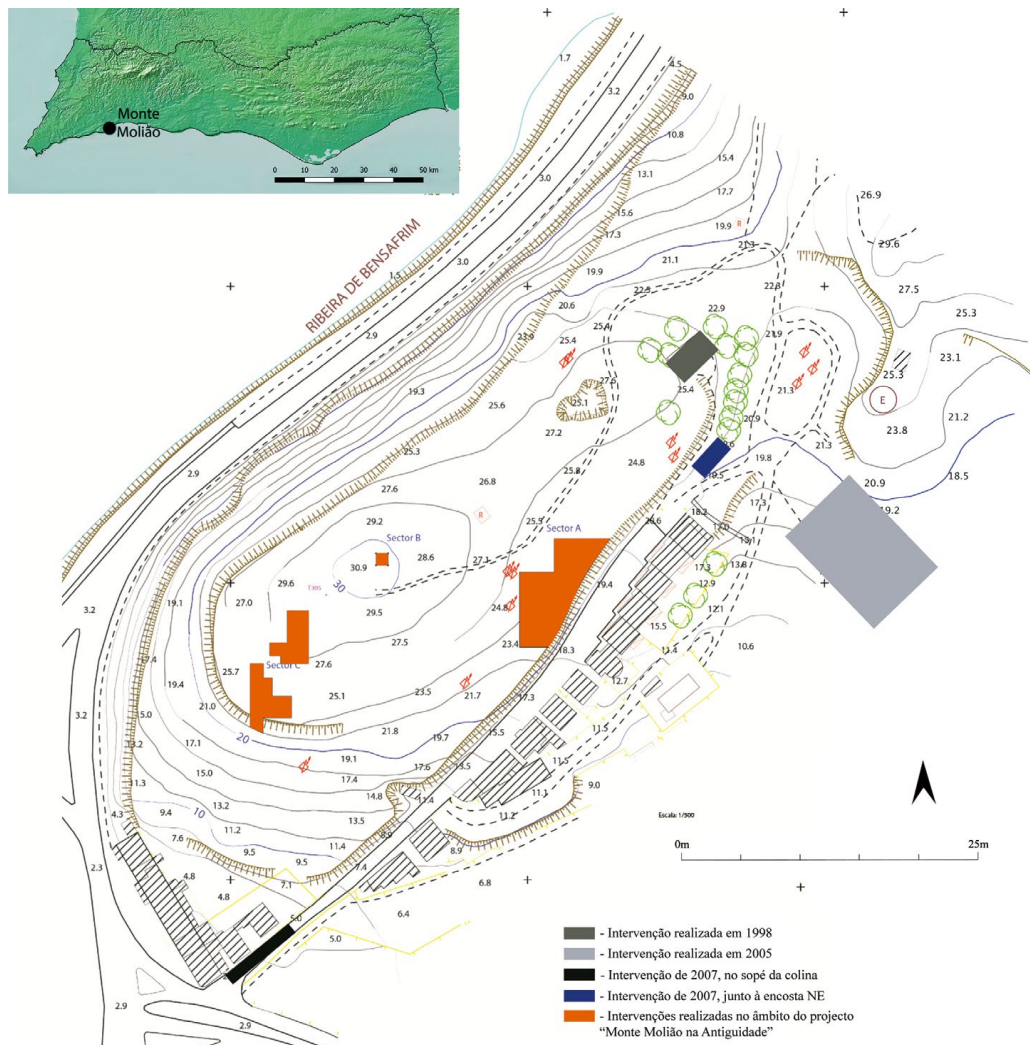


Figura 2: Planta topográfica do sítio com localização das várias intervenções arqueológicas realizadas

apesar de ser possível admitir que resultaram do alargamento da Estrada Nacional 125, sendo certo que Abel Viana, Veiga Ferreira e José Formosinho não efectuaram aí quaisquer trabalhos de escavação.

Apesar de o sítio ser já bem conhecido e de o seu interesse arqueológico estar identificado, foi alvo de destruição parcial, na década de 80 do século passado, na sequência da construção de uma estrada de acesso à urbanização que se construiu junto à vertente Este (Arruda *et al.*, 2008: 163) e que afectou estruturas e níveis arqueológicos conservados.

A investigação sobre Monte Molião teve sempre a acompanhá-la o pesado lastro da sua identificação com a *Laccobriga* das fontes clássicas (Pompónio Mela, *Chorographia*, III, I, 7; Plutarco, *Sertorius*, VIII, 13, 4). A associação do sítio ao topónimo das fontes clássicas acabaria por dominar e, de alguma forma, condicionar, durante anos, o debate acerca do sítio.

Estácio da Veiga identificou-o, ainda que com reservas, com o topónimo de origem pré-romana, contrariando as propostas de Frei Vicente Salgado (Salgado, 1786) e de André de Resende (Resende, 1593), mas o aparecimento posterior de vestígios

arqueológicos, nomeadamente da Idade do Ferro e de época romano-republicana incrementou o número de adeptos dessa associação.

A primeira intervenção arqueológica com metodologias modernas em Monte Molião somente viria a ser realizada em 1998 (Estrela, 1999), num contexto preventivo e de salvamento resultante da construção de uma moradia no topo Norte (Fig. 2). Novas intervenções, também de carácter preventivo, tiveram lugar em 2005 na envolvente directa, mais exactamente a NE, trabalhos que visaram averiguar a existência de vestígios arqueológicos, que foram, aliás, comprovados (Sousa e Serra, 2006: 13-16), uma vez que permitiram a identificação de uma estrutura negativa de dimensões consideráveis e de morfologia sugestiva, associada a materiais datados do final do século II a.n.e. (Sousa e Serra, 2006: 16).

Em 2006, teve início um projecto de investigação plurianual, «Monte Molião na Antiguidade», que tinha como objectivo a definição e caracterização da diacronia da ocupação do sítio, que foi construído ao abrigo de um protocolo de colaboração entre a Câmara Municipal de Lagos, a Faculdade de Letras de Lisboa e



Figura 3: Estruturas da Idade do Ferro identificadas no sector C do Monte Molião

a UNIARQ. Este projecto teve a duração de quatro anos (2006-2009), tendo sido prolongado, com intervenções pontuais em 2011 e 2014, e com outras mais amplas entre 2015-2018, no quadro de um novo protocolo.

Paralelamente, outros trabalhos, de emergência e preventivos, decorreram no entorno imediato do sítio (Fig. 2), tendo sido descobertos importantes vestígios, nomeadamente um conjunto de cetárias alto-imperiais no sopé SE da colina (Bargão, 2008) e estruturas diversas junto à encosta NE (Diogo e Marques, 2008).

Os principais objectivos do projecto passavam obrigatoriamente pela realização de trabalhos arqueológicos continuados, realizados com metodologias actuais que permitissem a definição e caracterização das diferentes fases de ocupação do sítio, objectivos que foram já

cumpridos na generalidade, mas que necessitam ainda de afinação. A percentagem dos materiais já tratados é elevada, tendo muitos deles sido já publicados e estudados (Arruda, 2007; Arruda *et al.*, 2008; Arruda e Pereira, 2010; Arruda *et al.*, 2011; Arruda e Sousa, 2013; Detry e Arruda, 2013; Dias, 2010; 2015; Sousa e Arruda, 2013; 2014a; 2014b; Viegas e Arruda, 2013; Arruda e Viegas, 2016; Pereira e Arruda, 2016; Arruda e Pereira, 2017; Arruda e Dias, 2018).

O estudo dos artefactos metálicos recolhidos no âmbito do referido projecto é de elevado interesse, mas arrasta, simultaneamente, dificuldades acrescidas. A sua importância é evidente, pois existem provas de que esta actividade também foi praticada no sítio e terá dado um contributo relevante para a economia local/

regional. Porém, estes estudos são sempre parciais, porque não representam o real volume de artefactos que foi utilizado na Antiguidade. A reciclagem das matérias-primas utilizadas na metaloplastia não permite qualquer tratamento estatístico, como acontece, por exemplo, para as cerâmicas. Efectivamente, ao contrário destas, os metais eram refundidos, ganhando novas formas e outras funcionalidades.

Não obstante a reciclagem dos metais na Antiguidade, um considerável número de peças metálicas de Monte Molião chegou até nós, sendo o conjunto bastante diversificado, integrando peças da maioria das categorias estabelecidas. Porém, esta diversidade não é homogênea ao longo da diacronia, tendo os contextos sidéricos permitido a recolha de apenas 36 peças, valor que contrasta com as de época romana, quer republicana (182) quer imperial (1347).

3. A OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO DE MONTE MOLIÃO

As evidências contextuais da ocupação pré-romana de Monte Molião foram profundamente afectadas pelas construções posteriores, de época romana-republicana e imperial. Ainda assim, cabe referir que níveis conservados da Idade do Ferro foram documentados em todos os sectores escavados na colina (Arruda *et al.*, 2011), assim como no sopé SE (Bargão, 2008). Estes dados indicam que o núcleo de povoamento de época pré-romana terá sido consideravelmente extenso, estendendo-se por todo o Monte. Os escasos elementos arquitectónicos que caracterizam este momento remetem para uma planificação cuidada dos conjuntos edificados, organizados em função de arruamentos (Fig. 3) e caracterizados pelo contínuo afeiçoamento e utilização do substrato rochoso (Arruda *et al.*, 2011).

De acordo com os dados arqueológicos disponíveis, o início desta ocupação terá sido consideravelmente tardio no quadro da Idade do Ferro, estando datado a partir de meados do século IV a.n.e., atendendo à presença, logo nos primeiros níveis conservados, de produções de tipo Kuass (Arruda *et al.*, 2008; Arruda *et al.*, 2011; Sousa e Arruda, 2010). Trata-se de uma fase durante a qual se verifica uma intensificação da ocupação humana em praticamente toda a costa meridional do Algarve, que parece estar directamente ligada a reestruturações económico-comerciais do Círculo do Estreito de Gibraltar e, especificamente, da metrópole de Cádiz (Sousa e Arruda, 2010; Sousa, 2017; Sáez Romero, 2018).

Com efeito, e ao longo de toda a ocupação, este sítio algarvio manteve ligações sistemáticas com o Sul Andaluz, que se reflectem, durante a Idade do Ferro, na importação de produtos alimentares (azeite da Campiña Gaditana, preparados piscícolas da baía de Cádiz e outros produtos ainda não identificados do Baixo Guadalquivir), de serviços de mesa (cerâmicas de tipo

Kuass) e ainda de uma vasta variedade de produções de cerâmica comum com distintas funcionalidades, cuja representatividade ultrapassa claramente as manufaturas de âmbito local (Arruda *et al.*, 2011; Sousa e Arruda, 2010; 2013).

4. OS ARTEFACTOS METÁLICOS DA IDADE DO FERRO

Como já antes referimos, a quantidade de artefactos metálicos datáveis da Idade do Ferro não é particularmente grande, quando comparada com os de época Romana, o que se pode justificar pelo facto de as áreas escavadas serem completamente distintas. Trata-se de 36 peças, ou fragmentos de peças, sendo 11 de morfologia indeterminada. Refira-se, ainda, que a cronologia proposta para estes artefactos advém, não apenas das suas características intrínsecas, concretamente tipológicas, mas também dos contextos crono-estratigráficos em que foram recuperadas.

4.1. OS COMPLEMENTOS: ARQUITECTURA E MOBILIÁRIO

Os pregos, as cavilhas e os rebites foram utilizados em âmbito doméstico, mas também arquitectónico, podendo, em qualquer dos casos, ter cumprido funções diversas. Ainda assim, entendemos que os quatro pregos identificados, dadas as suas dimensões e características morfológicas, devem estar relacionados com a construção dos edifícios onde foram exumados, concretamente os do sector C.

Nos restantes casos, a situação é mais complexa. Tanto a cavilha como o rebite podem ter tido uma utilização doméstica, concretamente na produção de mobiliário, uma vez que sabemos que, na Antiguidade, se utilizavam estes artefactos para segurar ou articular partes de móveis, como é o caso dos rebites ou das cavilhas, respectivamente.

Um bom exemplo de artefactos metálicos directamente relacionados com o mobiliário diz respeito a um conjunto de cavilhas/rebites e placas encontrado em associação primária no sector C, num total de seis elementos (Fig. 4, n.º 4 a 6). Tudo indica que, globalmente, fariam parte de um *dyphros* (Arruda *et al.*, 2011), peça que encontra paralelo em outros exemplares peninsulares da Idade do Ferro, sobretudo em contextos funerários, como são os casos das necrópoles de Medellín, na Extremadura espanhola, ou mesmo da do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, no vale do Sado (Schüle, 1969; Jiménez Ávila, 2008: 546), cidade que ofereceu outros idênticos na rua do Rato, um ambiente cultual (Arruda *et al.*, no prelo). No território português, regista-se ainda a sua presença no vale do Mondego, no Crasto de Tavarède, em contexto doméstico (Neves, 2013), sendo possível defender que algumas peças de osso encontradas em Almaraz, interpretadas como botões (Cardoso, 2004: 229), possam

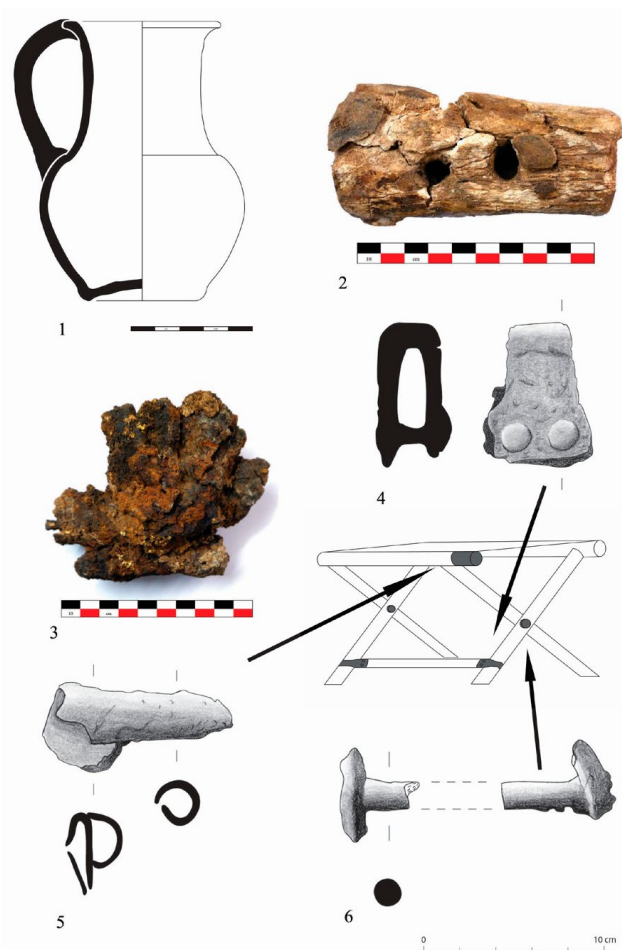


Figura 4: Materiais provenientes de um depósito votivo/fundacional, no qual se recolheram os elementos de ferro de um possível *dyphros*. Apresenta-se uma reconstituição hipotética do elemento de mobiliário e proposta de funcionalidade de cada elemento

corresponder a remates de hastes deste tipo de móvel. Trata-se de uma banquetta ou tamborete transportável, comumente designado de pequeno banco sem costas. Seria um móvel dobrável, em forma de tesoura (Schubart e Mass-Lindemann, 1995).

Para além da excepcionalidade do achado, o contexto onde estes complementos foram recolhidos denuncia, ele próprio, uma situação bastante rara. Os elementos de *dyphros* foram recolhidos numa fossa de reduzidas dimensões, dentro de um dos compartimentos do principal edifício identificado no sector C (compartimento 14), que cortava o estrato de preparação para aplicação de um outro, de utilização (pavimento), e localizada numa zona de passagem entre este e um outro compartimento (compartimento 13). A raridade deste contexto, contudo, não reside na formação de este depósito, mas sim na quantidade de artefactos surgidos num espaço tão reduzido e, principalmente, no seu estado de conservação. O enchimento dessa fossa apresentava claras evidências de exposição ao fogo, situação que chegou a fundir, parcialmente, alguns dos componentes metálicos do *dyphros* (Fig. 4, n.º 3).

Como referimos, juntamente com os componentes do tamborete, foram recolhidos: um jarro de cerâmica comum de produção local/regional quase completo (Fig. 4, n.º 1), que tivemos já oportunidade de publicar (Arruda *et al.*, 2011: fig. 10); um cabo de grande dimensão realizado a partir de haste de veado¹ (Fig. 4, n.º 2); um outro cabo de osso de menor dimensão; abundantes restos disformes de madeira, dos quais foram recolhidas amostras que, contudo, aguardam ainda o respectivo estudo.

Para além da concentração de materiais, o seu bom estado de conservação não parece remeter para um depósito formado por artefactos para aí vertidos, portanto, uma lixeira. Pelo contrário, tudo indica que houve uma inutilização intencional prévia dos artefactos, anterior, portanto, à sua deposição, parecendo esta ter sido cuidada e premeditada. O estudo que concretizámos deixou perceber que o *dyphros*, que apresenta vestígios de consumo pelo fogo, foi depositado na fossa após a sua incineração, podendo admitir-se, ainda que com as necessárias reservas, que o mesmo sucedeu com os restantes materiais. No que respeita aos artefactos de osso, e a tratar-se de cabos, não podemos deixar de estranhar a ausência das partes metálicas que a eles estavam associados, o que permite considerar a possibilidade de também terem feito parte do *dyphros*.

O contexto em que foi depositado o *dyphros*, associado ao momento inicial de ocupação do sítio, e o seu conteúdo, autoriza que se considere que se trate de um depósito votivo/fundacional, como aliás tivemos já oportunidade de propor (Arruda *et al.*, 2011: 10). Certifica esta situação o facto de a fossa ter sido aberta nos estratos de regularização do compartimento e sob os restos de um pavimento que, aparentemente, colocava os dois espaços (comp. 13 e 14) à mesma cota.

Os *dyphroi* são relativamente bem conhecidos no ocidente peninsular. As cavilhas/rebites, destinados a unir os pés do móvel (*videm* reconstituição hipotética, fig. 4), para que se pudessem recolher, são os elementos mais frequentemente identificados, principalmente, como já referimos antes, em necrópoles. Para além das já citadas (Medellín e Alcácer do Sal), encontram-se presentes nos conjuntos de Acebuchal e de Cruz del Negro, em Carmona, (Cabré, 1944: lám. XL, 6) e de Jardín, em Vélez Málaga (Schubart e Mass-Lindemann, 1995). Não obstante a relativa abundância de achados, a sua cronologia oscila entre o século VI a.n.e., como é o caso dos da necrópole del Jardín (Schubart e Mass-Lindemann, 1995), e o século V a.n.e., como se observou em Medellín, sítio onde, porém, a maioria foi depositada entre o final da centúria anterior e o início da última (Jiménez Ávila, 2008: 549).

Assim, o exemplar de Monte Molião corresponde à mais tardia ocorrência deste tipo de móvel no Extremo

1. Agradecemos a informação a Cleia Detry, que observou a peça e identificou a sua origem.

Ocidente Península Ibérica no contexto da Idade do Ferro, datando concretamente da segunda metade do século IV a.n.e. Mas deve recordar-se que estes bancos articulados, com antecedentes directos na cultura egípcia (Killen, 1980), foram comuns ao longo de toda a Antiguidade, tendo sido fabricados em abundância por gregos e romanos, sendo, no último caso, conhecidos como *sella curulis* (Ulrich, 2007).

4.2. UTILITÁRIOS: PESCA

Um único anzol foi recuperado em estratos da Idade do Ferro de Monte Molião (Fig. 5), situação que pode, uma vez mais, ser interpretada no quadro da escassez de níveis arqueológicos desta cronologia escavados no sítio até ao momento. A verdade é que os recursos marinhos foram explorados pelas comunidades que habitaram no local neste momento, como a fauna malacológica bem demonstra (Detry e Arruda, 2013), parecendo legítimo supor que a pesca constituiu também uma actividade extractiva importante na economia do sítio. Porém, deve admitir-se que esta actividade poderá não ter sido de grande escala, não correspondendo a capturas massivas de pescado, e certamente não se destinava à preparação de qualquer produto, uma vez que as ânforas importadas (Arruda *et al.*, 2011) evidenciam que os produtos haliêuticos consumidos em Monte Molião tinham origem na baía de Cádiz.



Figura 5: Fragmento de anzol recolhido em contexto datável da Idade do Ferro

4.3. OS OBJECTOS DE USO PESSOAL: ARTEFACTOS DE ADORNO, DE HIGIENE PESSOAL E COMPLEMENTOS DE VESTUÁRIO

Um bracelete (Fig. 6) é a única peça recolhida em níveis sidéricos que pode ser incluída no grupo dos adornos de uso pessoal. É laminar, de bronze/cobre, com cerca de 1 mm de espessura e 1 cm de largura, do qual se conservou apenas uma extremidade. A classificação, que parece a mais provável, é proposta com as necessárias reservas, até porque poderia também ter servido para ser incrustada em mobiliário ou vestuário.

Na higiene pessoal cabe o que classificámos como navalha de barbear (Fig. 7). É de bronze/cobre, possui cabo e lâmina, apresentando esta última um perfil em



Figura 6: Bracelete de bronze recolhido em níveis da Idade do Ferro



Figura 7: Navalha de barbear de bronze de morfologia «afalcatada»

V, e tem morfologia “afalcatada”. Este tipo de artefactos é praticamente desconhecido na Península Ibérica, para a Idade do Ferro, distanciando-se, em termos morfológicos, dos escassos exemplares do final da Idade do Bronze (de dupla lâmina, sempre muito fina, perfil ovalado e espigão), mas representados no território português, concretamente na Estremadura (Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior), nas Beiras Alta (Castro de Santa Luzia, Viseu) e Litoral (Crasto de Tavadre), no Alentejo, em Beja e também no Algarve, nas Caldas de Monchique (Vilaça, 2009a).

Apenas em Ibiza as navalhas de barbear são uma presença constante, sempre em contextos sepulcrais, muito especialmente em Puig des Molins, em sepulturas quer masculinas, quer femininas (Miguel Azcárraga, 2006), apresentando cronologias entre os séculos IV e II a.n.e. Neste caso concreto, trata-se de peças de cobre/bronze, de pequeno tamanho, de forma mais ou menos rectangular ou hiperbolóide, com lâmina plana de um único fio no extremo inferior, e cabo estreito. A morfologia destas navalhas de barba ebusitanas aproxima-as do «mundo» púnico, sendo o tipo muito abundante em Cartago e na Sardenha (Acquaro, 1971).

Ainda que a prática da remoção da barba seja comum a várias regiões da Europa atlântica e mediterrânea (Boon, 1991; Vilaça, 2009b: 74-75), «...traduzindo um padrão estético identificativo em termos de idade, género e hierarquia.» (Op. Cit. Vilaça, 2009a: 504) a verdade é que, e como referimos antes, não abundam os testemunhos arqueológicos que evidenciem essa prática, datando de época romana os que podemos relacionar, com mais segurança, com o acto em si. Algumas destas navalhas romanas possuem orifícios destinados à inserção dos dedos para um melhor manuseamento (Brewster, 1963: 111-112, fig. 61-1; Abauzit, 1963: 204-205; Manning, 1985: Q13).

O exemplar algarvio, apesar de atípico, apresenta características que permitem a sua associação a essa função, o que está fundamentado em paralelos de outras regiões, de comprovada classificação (Stead e Rigby, 1999: 125), que exibem, no entanto, perfis mais rectilíneos e são de ferro. Refira-se, ainda, a existência, na extremidade do cabo, de um enrolamento do metal, característica que está patente em exemplares datados do Bronze Final (Thrane e Collett, 2016), de lâmina triangular, pormenor morfológico que se manteve até à época romana (Feugère, 1989; Giorgi *et al.*, 2009: tav. 1, n.º 10).

A cronologia proposta para os exemplares idênticos depositados no *British Museum* centra-se, sobretudo, na segunda metade do século III a.n.e. (Stead e Rigby, 1999: 125), datação que parece ser confirmada por exemplares recolhidos em sepulturas masculinas (Thénod, 1972: 125-128), mas também, ainda que em menor número, femininas, datação que pode ser assumida também para a peça de Monte Molião.

Os complementos de vestuário estão representados por dois arcos de fíbulas anulares.

Ambas cabem no tipo 13 de Ponte (Ponte, 2006: 182-191), sendo mais difícil a sua inclusão nos respectivos subtipos.

Na de maiores dimensões (Fig. 8), o arco, maciço e em naveta, possui pé e cabeça e tem secção losangonal. Pertenceria a uma fíbula composta por dois componentes independentes: arco, mola e fuzilhão; aro. A união entre o pé, de secção triangular, e o aro foi realizada com recurso a placa, dobrada e soldada. A cabeça do arco estaria enrolada ao aro.



Figura 8: Fíbula anular hispânica. Em baixo, pormenor de pingos de solda no pé, quer na parte superior (à esquerda), quer na parte inferior (à direita)



Figura 9: Fíbula anular hispânica obtida por fundição

O arco da segunda (Fig. 9) tem secção poligonal, pé rectangular, espesso, com perfuração de secção circular, através da qual se inseria ao aro. O descanso é largo e côncavo. A cabeça, fracturada, parece terminar numa argola onde se encaixaria o fuzilhão e o aro. O processo de fabrico deve ter sido a fundição e o arco constituiria uma peça independente, motivo pelo qual estaria composta por três elementos independentes: arco; mola e fuzilhão; aro.

Estas duas fíbulas de Monte Molião foram já alvo análise através de Micro-EDXRF (Valério *et al.*, 2015), tendo-se verificado que se tratava de um bronze ternário, composto por cobre (81,7% e 79,4%), estanho (14,3% e 13,6%) e chumbo (3,6% e 6,7%). A presença de ferro é meramente vestigial (0,09% e 0,07%), correspondendo a impurezas e não a uma adição intencional, tal como é também o caso do arsénio presente numa delas (0,29%) (Valério *et al.*, 2015: table 1). Esta composição, concretamente a incorporação do chumbo e as presenças meramente vestigiais de ferro e de arsénio na liga metálica, concorda com a cronologia das peças e também com o processo de fabrico destes artefactos (o chumbo torna o metal menos duro e mais fácil de vazar) e com a função a que estavam destinados.

Sobre as fíbulas anulares hispânicas de Monte Molião podemos ainda acrescentar que se trata de um dos tipos mais comuns em sítios da II Idade do Ferro peninsular, facto que poderá dever-se à longa cronologia da sua utilização (século VI a III a.n.e., prolongando-se até à época romana-republicana) e à sua grande variabilidade tipológica. No Algarve, foi reconhecida em Castro Marim, onde está muito bem representada, com 15 exemplares distribuídos por vários tipos (13 e 14 de Ponte) recolhidos em contextos datados entre o final do século V e o século IV a.n.e. (Pereira, 2008). A exclusividade da sua representação na área meridional portuguesa neste sítio do litoral oriental pode justificar-se por razões que se prendem com a geografia da investigação, uma vez que o povoado da foz do Guadiana constitui, ainda hoje, o único sítio da Idade do Ferro exaustivamente escavado e estudado.

No restante território português, é obrigatório mencionar a sua abundância na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, 68 indivíduos

(Schüle, 1969; Ponte, 2006; Gomes, 2016), distribuídos, sobretudo, pelos tipos 13 e 14, mas também pelos 15 e 17. Para o restante Sudoeste, referiam-se ainda, a título de exemplo, os exemplares de Cabeça de Vaia Monte, Monforte (Ponte, 2006: 430-432) e os das Mesas do Castelinho, Almodôvar (Miguez, 2010: 25; 61). As fíbula anulares hispânicas de Monte Molilão, recolhidas em níveis que podemos datar do século IV/III a.n.e., integram-se, portanto, no que é conhecido para o restante território português e mesmo peninsular, quer no que se refere à cronologia quer no que diz respeito ao uso de vestuário específico e dos seus respectivos complementos.

4.4. ARTEFACTOS RELACIONADOS COM A CAVALARIA

Em estrato da Idade do Ferro do Sector A (U.E. [206]), recuperou-se o que pudemos classificar como espóra. É de ferro, simples e possui espigão curto (Fig. 10). Também neste caso, não lográmos encontrar um paralelo exacto. Refira-se, contudo, que para esta época é considerável a abundância de variantes, que nem sempre cabem nas tipologias existentes (Shortt, 1959; Dixon e Southern, 1992).

Como já foi sublinhado por Quesada Sanz, as primeiras esporas conhecidas em território europeu não parecem recuar para trás do século V a.n.e. (Quesada Sanz, 2005: 125), apresentando estes exemplares mais antigos um sistema de sujeição ao calcanhar que não inclui laçadas que obrigassem à existência de orifícios na peça. As ditas laçadas prendiam-se em ganchos ou botões laterais (Quesada Sanz: 126, fig. 29; Dixon e Southern, 1992: fig. 26), mas que tinham em comum o espigão. Todavia, por vezes estes botões são frequentemente confundidos com orifícios laterais, situação que resulta do desencaixe do botão rebitado. É, como acontece geralmente, na época romana que a espóra ganha um relevo mais destacado na equitação, embora a discussão sobre a sua generalização permaneça na bibliografia da especialidade (Shortt, 1959: 61; Vigneron, 1968: 84; Dixon e Southern, 1992: 59).



Figura 10: Espóra de ferro de Monte Molilão, Grupo 2 de Quesada Sanz

Na Península Ibérica, foi Cuadrado Díaz que iniciou a árdua tarefa de identificar e individualizar as primeiras esporas conhecidas, tendo por base os dados de El Cigarralejo (Cuadrado Díaz, 1979). Com este trabalho, o autor identificou dois tipos distintos de esporas: de corpo rígido e articuladas, ambas datadas de início do século IV a.n.e. Esta distribuição morfológica foi já ampliada, primeiro por Pérez Mínguez (1992) e, depois, por García Cano (1997). Mais recentemente, também Quesada Sanz deu o seu contributo para o estabelecimento das séries de esporas (Quesada Sanz, 2001-2002; 2002-2003), aumentando a tipologia de três para seis grupos distintos.

O exemplar algarvio, de ferro, apresenta características que permitem a sua inclusão no Grupo 2 de Quesada Sanz. Este grupo incorpora esporas de bronze ou de ferro, de corpo rígido, formadas por uma placa aplanada e arredondada, adaptada à forma do calcanhar, e que, segundo Quesada Sanz, é, conjuntamente com o seguinte, o que engloba os tipos mais característicos da região ibérica (Quesada Sanz, 2005: 131). É no subtipo 2E que parece inserir-se a espóra do Monte Molilão, ainda que a forma de este último seja mais rectangular do que ovalada.

Tendo em consideração as propostas tipológicas, que vêm sendo reiteradas e acrescentadas, e concretamente o tipo em que incluímos a peça algarvia, 2E de Quesada Sanz (2002-2003: 89; 2005: 131), parece de aceitar a cronologia que foi avançada para a navalha de barbear, meados/segunda metade do século III a.n.e.

4.5. INDÍCIOS DE PRODUÇÃO

Como comentámos no início deste trabalho, são abundantes os vestígios que permitem reconhecer actividades metalúrgicas em Monte Molilão, mas os que dizem respeito à Idade do Ferro são relativamente raros, sobretudo se comparados com os correspondentes à época romana. Tal facto, que é comparável à dos restantes materiais, pode explicar-se, como já antes referimos, pelas áreas escavadas de cada uma das fases de ocupação.

O manuseamento de metais e de ligas metálicas era, pois, já praticado em época pré-romana, como comprovam os pingos e escória de fundição (Fig. 11) recolhidos em níveis datados do século IV e III a.n.e.



Figura 11: Pingos de bronze/cobre provenientes de estratos da Idade do Ferro

5. COMENTÁRIOS FINAIS

Os artefactos metálicos de Monte Molião, sendo escassos, revelam-se, no entanto, importantes para compreender a dinâmica social e económica do sítio durante a Idade do Ferro, mesmo tendo em consideração o facto de a reciclagem das peças ter sido, quase seguramente, uma prática corrente.

Os artefactos relacionados com a indumentária (fibulas e fechos de cinturão) inscrevem-se numa estética comum a um extenso território que engloba vastas áreas da Península Ibérica, o que evidencia o uso de um vestuário idêntico, na forma e na função. A aparência impõe-se aqui como norma na adopção e na escolha dos trajes, veiculando mensagens concretas e específicas, observação que é igualmente válida para o que classificámos como navalha de barba. E o mesmo se poderia dizer a propósito do que interpretámos como adorno, o bracelete, uma vez que todos fazem parte de um único sistema de representação individual ou comunitário.

Devemos ainda chamar a atenção para o facto de uma das fibulas anulares hispánicas possuir um tamanho apreciável que remete para a utilização de vestuário produzido com tecidos consideravelmente espessos e densos, talvez de lã. Neste contexto vale a pena lembrar a elevada percentagem de *ovis/capra* (60,5 restos), a que se podem juntar quatro seguramente de *ovis aries*, nos níveis da Idade do Ferro (Detry e Arruda, 2013: 217-218, quadro 2) e que devem ter contribuído, pelo menos em parte, mas de forma substancial, para a produção de tecidos.

A presença de peças de mobiliário é de realçar, até porque se trata de um móvel muito particular, que parece ter sido introduzido na Península Ibérica em torno ao século VIII/VII a.n.e. Sendo relativamente comuns em algumas necrópoles (Medellín, Alcácer do Sal e complexos funerários da área Beja / Pedrogão), os bancos de tipo *dyphroi* são muito raros em contextos de habitat, podendo aqui ser interpretados como pertencentes a um espaço de representação, onde se ostentava o poder.

No mesmo sentido fala a espora e assim a prática da cavalaria, que podem relacionar-se com a caça, actividade que está muitas vezes conectada com a presença de elites. Se é verdade que os equídeos são muito raros em Monte Molião na Idade do Ferro, lembre-se que a actividade cinegética está documentada através da presença de *cervus elaphus* (veado), *oryctolagus cuniculus* (coelho bravo) e *sus sp.*, alguns dos quais terão pertencido a javalis (Detry e Arruda, 2013: tabela 8, 219). Alguns dos restos de cão encontrados podem eventualmente relacionar-se com a referida actividade.

Pouco mais há a discutir sobre o único anzol recuperado, e que já houve oportunidade de comentar atrás. De qualquer modo, insistimos que os recursos aquáticos foram muito importantes na dieta alimentar da comunidade que habitou o sítio durante os séculos IV e III a.n.e., havendo abundantes dados malacológicos que comprovam a sua exploração, atestada também

pela presença de duas vértebras de *cetaceae* (Detry e Arruda, 2013: 216). A pesca com anzol, bem como a que recorreu à rede, devem também ter sido relevantes, apesar dos materiais que testemunham a primeira não serem particularmente abundantes.

REFERÊNCIAS

- Abauzit, P. (1963). Note sur quelques rasoirs hallstattiens. *Revue archéologique du Centre de la France*, 7, 203-217.
- Acquaro, E. (1971). *Irasoi punici*. Studi Semitici, 41. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.
- Arruda, A. M. (2007). *Laccobriga: A ocupação romana da Baía de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos.
- Arruda, A. M. e Dias, I. (2018). A terra sigillata itálica de Monte Molião, Lagos, Portugal. *Portugália*, 34, 159-178. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Port/article/view/5194>
- Arruda, A. M., Ferreira, M., Sousa, E., Lourenço, P., Lima, J. e Carvalho, A. (no prelo). *Contributos para o conhecimento da Idade do Ferro de Alcácer do sal: os dados da Rua do Rato*.
- Arruda, A. M. e Pereira, C. (2010). Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a época romano-republicana. *Xelb*, 10, 695-716.
- Arruda, A. M. e Pereira, A. (2017). A cerâmica de cozinha africana de Monte Molião (Lagos, Portugal) e o seu enquadramento regional. *Onoba*, 5, 21-43. Disponível em: <http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/13909>
- Arruda, A. M. e Sousa, E. (2013). Ânforas republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal). *Spal*, 22, 101-141. DOI: <http://dx.doi.org/10.12795/spal.2013.i22.05>
- Arruda, A. M., Sousa, E., Bargão, P. e Lourenço, P. (2008). Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso. *Xelb*, 8(1), 137-168. Disponível em: https://www.uniarq.net/uploads/4/7/1/5/4715235/arruda_et_al_2008.pdf
- Arruda, A. M., Sousa, E., Pereira, C. e Lourenço, P. (2011). Monte Molião: um sítio púnico-gaditano no Algarve (Portugal). *Conimbriga*, 50, 5-32. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35087/6/CN50_artigo1.pdf?ln=pt-pt
- Arruda, A. M. e Viegas, C. (2016). As ânforas alto imperiais de Monte Molião. Em R. Járrega e P. Berni (Eds.). *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (Tarragona, 2014)* (pp. 446-463). Tarragona: Ex Officina Hispana, Institut Català de Arqueologia Clàssica.
- Bargão, P. (2008). Intervenção de emergência na Rua do Molião: primeiras leituras. *Xelb*, 8(1), 169-190.
- Brewster, T. (1963). *The excavation of Staple Howe*. Malton: E.T.W. Dennis & Sons.
- Cabré, J. (1944). Los dos lotes de mayor importancia de la sección de arqueología anterromana del Museo Arqueológico

- de Sevilla. *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, 5, 126-135.
- Cardoso, J. (2004). A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio A. C. até à chegada dos romanos: um ensaio de História Regional. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 12, 1-331.
- Cuadrado Díaz, E. (1979). Espuelas ibéricas. Em *Actas del XV Congreso Nacional de Arqueología* (Lugo 1977) (pp. 735-740). Zaragoza.
- Detry, C. e Arruda, A. M. (2013). A fauna da Idade do Ferro e época romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15, 215-227. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/10894>
- Dias, V. (2010). *A cerâmica campaniense de Monte Molião*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa. Lisboa. Edição policopiada. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3020>
- Dias, V. (2015). A cerâmica campaniense do Monte Molião, Lagos. Os hábitos de consumo no litoral algarvio durante os séculos II a. C. e I a. C. *Spal*, 24, 99-128. DOI: <http://dx.doi.org/10.12795/spal.2015i24.05>
- Diogo, M. e Marques, J. (2008). Sistemas defensivos do Molião – resultados preliminares da intervenção arqueológica na urbanização do Molião. *Xelb*, 8(2), 59-65.
- Dixon, K. e Southern, P. (1992). *The Roman Cavalry: From the First to the Third Century AD*. London: B. T. Batsford Ltd.
- Estrela, S. (1999). Monte Molião, Lagos: intervenção de emergência (1998) e problemas da gestão do património em sítios arqueológicos classificados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2(1) 199-234. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesa-dearqueologia/2_1/11.pdf
- Feugère, M. (1989). Les petits objets. Em Ch. Hosdez e A. Jacques (Eds.). *La nécropole à incinérations de Baralle (Pas-de-Calais)*. *Nord-Ouest Archéologie*, 2, 181-195.
- García Cano, J. M. (1997). *Las necrópolis ibéricas de Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla, Murcia)*. 1. *Las excavaciones y estudio analítico de los materiales*. Murcia: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Murcia.
- Giorgi, M., Martinelli, S. e Butti Ronchetti, F. (2009). La necropoli romana di Rovello Porro. *Rivista archeologica dell'Antica Provincia e Diocesi di Como*, 191-192, 53-288.
- Gomes, F. (2016). *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. (Tese de doutoramento). Universidade de Lisboa. Lisboa. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/25042>
- Jiménez Ávila, J. (2008). Grapas y charnelas de *diphroi*. Em M. Almagro-Gorbea (Dir.). *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los hallazgos* (pp. 542-552). Madrid: Real Academia de la Historia.
- Killen, G. (1980). *Ancient Egyptian Furniture*. Oxford: Aris & Phillips.
- Manning, W. (1985). *Catalogue of Romano-British Iron Tools, Fittings and Weapons in the British Museum*. London: British Museum.
- Miguel Azcárraga, B. (2006). *Las navajas de afeitar púnicas de Ibiza*. Treballs del Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera, 57. Ibiza: Govern de les illes Balears.
- Miguez, J. (2010). *As fíbulas do Sudoeste da Península Ibérica enquanto marcadores étnicos: O Caso de Mesas do Castelinho*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa. Lisboa. Disponível em: https://www.academia.edu/1904458/Fibulas_do_Sudoeste_EnquantoMarcadores_Etnicos_-_O_caso_de_Mesas_do_Castelinho_Vol_I
- Neves, S. (2013). *O Crasto de Tavadre (Figueira da Foz) no quadro das problemáticas da I Idade do Ferro no Baixo Mondego*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Coimbra. Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/35829?mode=full>
- Pereira, C. e Arruda, A. M. (2016). As lucernas romanas do Monte Molião (Lagos, Portugal). *Spal*, 25, 149-181. DOI: <https://doi.org/10.12795/spal.2016i25.06>
- Pereira, T. (2008). *Os Artefactos Metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa. Lisboa. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/393/1/17322_ArtefactosMet00E1licosdoCastelodeCastroMarimVOL1.pdf
- Pérez Mínguez, R. (1992). Acicates ibéricos del Museo de Prehistoria de Valencia. Em *Estudios de arqueología ibérica y romana: homenaje a Enrique Pla Ballester* (pp. 215-220). Valencia: Universidad de Valencia.
- Ponte, S. (2006). *Corpus signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Quesada Sanz, F. (2001-2002). En torno a las espuelas articuladas ibéricas, artesanado y las relaciones entre las regiones murciana y granadina. *Studia E. Cuadrado. Anales de Prehistoria y Arqueología*, 16-17, 239-246. Disponível em: <http://revistas.um.es/apa/article/view/59951>
- Quesada Sanz, F. (2002-2003). Mirando el mundo desde lo alto: espuelas y otros elementos asociados al caballo en el poblado de La Serreta de Alcoi. *Recerques del Museu d'Alcoi*, 11-12, 85-100. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/RecerquesMuseuAlcoi/article/view/175580>
- Quesada Sanz, F. (2005). El gobierno del caballo montado en la Antigüedad Clásica con especial referencia al caso de Iberia. Bocados, espuelas y la cuestión de la silla de montar, estribos y herraduras. *Gladius*, XXV, 97-150. Disponível em: <http://gladius.revistas.csic.es/index.php/gladius/article/view/26/27>
- Resende, A. (1593). *De Antiquitatibus Lusitaniae*. Excudebat Martinus Burgensis.
- Rocha, A. S. (1906). Necropole luso-romana do Molião. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, I(3), 103-105.

- Sáez Romero, A. (2018). Apuntes sobre las dinámicas comerciales de Gadir entre los siglos VI y III a. C. *Gérion*, 36(1), 11-40. DOI: <http://dx.doi.org/10.5209/GERI.60292>
- Salgado, Fr. V. (1786). *Memórias eclesiásticas do Reino do Algarve. Offerecidas ao EXC.^{mo} e VER.^{mo} Senhor Bispo de Béja*. Lisboa: Regia Officina Typográfica.
- Schubart, H. e Maass-lindemann, G. (1995). Informe de las excavaciones en la necrópolis de Jardín (Vélez-Málaga, Málaga). *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 1, 57-213.
- Schüle, W. (1969). *Die Meseta-kulturen der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Shortt, H. (1959). A provincial Roman spur from Long stock. Hants and other spurs from Roman Britain. *The Antiquaries Journal*, 39, 61-76.
- Sousa, E. (2017). Sobre o início da romanização do Algarve: 20 anos depois. *Archivo Español de Arqueología*, 90, 195-218. DOI: <http://dx.doi.org/10.3989/aespa.090.017.009>
- Sousa, E. e Arruda, A. M. (2010). A gaditanização do Algarve. *Mainake*, 32(II), 951-974. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/9771>
- Sousa, E. e Arruda, A. M. (2013). A cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (Lagos). Em *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (pp.651-659). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/10380>
- Sousa, E. e Arruda, A. M. (2014a). A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molião. *Onoba*, 2, 55-90. Disponível em: <http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/8153>
- Sousa, E. e Arruda, A. M. (2014b). Italics and Hispanics in Southwest Iberia in the Dawn of the Roman-Republican period: the common ware of Monte Molião (Lagos, Portugal). Em *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta 43* (p. 663-670). Bona: *Cretariae Romanae Fautorum*. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/31395>
- Sousa, E. e Serra, M. (2006). Resultados das intervenções arqueológicas realizadas na zona de protecção do Monte Molião (Lagos). *Xelb*, 6(1), 5-20. Disponível em: https://www.academia.edu/741878/Resultados_das_Intervenções_Arqueológicas_realizadas_na_zona_de_protecção_de_Monte_Molião
- Stead, I. e Rigby, V. (1999). *The Morel Collection. Iron Age Antiquities from Champagne in the British Museum*. London: British Museum Publications.
- Thénot, A. (1972). Couteaux et tranchets du deuxième âge du fer. *Bulletin de la Société préhistorique française*, 69, 125-128.
- Thrane, H e Collett, E. (2016). *The Worsaae Collection in the British Museum*. London: British Museum Press.
- Ulrich, R. (2007). *Roman Woodworking*. Yale: University Press.
- Valério, P., Voráčová, E., Siva, R. J. C., Araújo, M. F., Soares, A. M. M., Arruda, A. M. e Pereira, C. (2015). Composition and microstructure of Roman metallic artefacts of Southwestern Iberian Peninsula. *Applied Physics A*, 121(1), 115-122. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s00339-015-9394-7>
- Veiga, E. (1910). Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos históricos. *O Archeologo Português*, 15, 229-233.
- Viana, A., Formosinho, J. e Ferreira, O. V. (1952). Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos. Monte Molião. *Revista de Guimarães*, 62(1-2), 133-142.
- Viegas, C. e Arruda, A. M. (2013). Ânforas romanas de época imperial de Monte Molião (Lagos): as Dressel 20. Em *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (pp. 727-735). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/11180>
- Vigneron, P. (1968). *Le cheval dans l'antiquité gréco-romaine*. Nancy: Faculté des Lettres et Sciences humaines.
- Vilaça, R. (2009a). Sobre rituais do corpo em finais do II-inícios do I milénios a. C.: do espaço europeu ao território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, 489-511.
- Vilaça, R. (2009b). Sobre os tranchets do Bronze Final do Ocidente peninsular. *Portugalia*, XXIX-XXX, 61-84. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8377.pdf>